

Um pedido de socorro

Aline Frollini Lunardelli

Maria Helena Souza Patto

Wanda era professora na rede de ensino fundamental do município de São Paulo. Quando foi entrevistada, em 2005, no contexto de uma pesquisa sobre a presença da psicologia na formação docente e no cotidiano escolar, era responsável por uma classe noturna de educação de jovens e adultos. É branca, divorciada, tinha 53 anos e morava com a mãe, a filha, o genro e a neta, que dependiam financeiramente do magro salário de dois mil e quinhentos reais mensais que recebia em final de carreira.

Formou-se professora na antiga Escola Normal e terminou o curso de Letras, embora desejasse ser médica. Com 25 anos de magistério e à beira da aposentadoria, queixa-se, como tantos professores da rede pública de ensino fundamental e médio, das condições de trabalho e do salário; de problemas de saúde; das imposições pedagógicas vindas das instâncias que definem a política de educação e que inesperada e sucessivamente recaem sobre os educadores e cerceiam-lhes cada vez mais a autonomia: de Cursos que não ajudam, geram gastos aos professores e, como regra, só servem para somar pontos para fins de ascensão na carreira; da falta de interlocutores, que a condena a um sentimento profundo de solidão e de desamparo: *“Porque você também tem seus problemas. Então você também não está 24 horas ligado na escola. Você também tem problemas em casa, de dinheiro, de outras coisas. Então você também é uma pessoa que necessita de uma ajuda, de uma palavra, de alguma coisa [...] A gente traz muita coisa da nossa vida. Você também é um ser humano, como seu aluno. Ele tem problemas? Você também”*.

Animada pela receptividade da entrevistadora, relata durante os encontros sua história pessoal e profissional e expressa suas dúvidas e esperanças como educadora. Ao fazê-lo, revela a ambiguidade de sua consciência, ao mesmo tempo dominada pela ideologia e capaz de reflexão. Fala das mazelas da formação do magistério e das condições de trabalho do professorado brasileiro no interior de uma política de barateamento do custo-aluno, que inviabiliza cada vez mais a escola como instituição

de ensino, e de projetos de saúde escolar e de inclusão de pessoas com deficiência equivocados conceitual e estrategicamente, que só fazem o professor perder a identidade ao ter de executar tarefas técnicas e administrativas que o afastam da docência: *“os alunos têm dor de dente, eles fazem xixi na calça, às vezes eles fazem cocô na calça. Você tem que providenciar a limpeza da sala, você tem que tentar amenizar o dente da criança [...]. Então você tem que chamar alguém da secretaria, você tem que procurar alguém, mas você não pode largar a classe sozinha também. Pra chamar a mãe, avisar que está passando mal. Outro que de repente começa a vomitar, é você que tem que socorrer, ver o que vai fazer. Tem uma série de coisas. Tem os paraplégicos, por exemplo, que eu carregava no colo porque a escola não é adequada. Eu tive criança, uma menina, não esqueço mais, que [...] tinha aquele desmaio na sala de aula [...]. Como é que chama aquilo? É desmaio? Que treme, assim, que baba. Que depois ela chega a dormir um pouco e aí ela acorda desorientada. Já passei por isso também”*. Mas repete também a linguagem morta dos planejadores educacionais que reduzem os graves problemas da política educacional brasileira a meras questões de técnicas de ensino.

Embora pouco ou nada se recorde do que aprendeu no curso Normal e nos projetos de reciclagem docente oferecidos pela Secretaria de Educação – ela se queixa da natureza teórica desses cursos, entendendo por isso a distância que os separa do cotidiano das salas de aula – Wanda mostra que aprendeu a essência do que lhe ensinaram. Baseados em ecos da psicopedagogia do fim do século XIX, esses cursos concebem o ensino como técnica que visa garantir a rapidez, a produtividade e a eficiência do processo, para o que é preciso levar em conta as características individuais do alunado, entendidas, por sua vez, como aptidões naturais que vão determinar os diferentes níveis de aprendizagem e de escolaridade de que cada um é capaz. Assim, os professores são convencidos de que o mau rendimento escolar decorre de deficiências pessoais dos alunos ou de seu grupo familiar; de que a ineficiência dos professores é consequência de equívocos técnicos deles próprios ou de governos anteriores; de que novas reformas, novos projetos e novos cursos de reciclagem reverterão esse quadro. Então, a cada novo governo, muda a orientação pedagógica e administrativa do ensino e impõem-se novas propostas técnicas supostamente salvadoras da educação escolar sempre à beira do colapso.

É no bojo da ideologia tecnicista que assola o campo da educação escolar pública fundamental e média que Wanda se movimenta, não sem sofrimento, em busca de saídas para condições de trabalho que cada vez

mais a impedem de exercer com sucesso a sua profissão. Ao perceber a permanência de dificuldades discentes que os programas e técnicas impostos pelos órgãos centrais de planejamento do ensino não conseguem reverter, ela tenta vários procedimentos, mas sempre nos limites estreitos estabelecidos por sua pseudoformação. Convencida de que o professor deve dedicar-se individualmente a seus alunos, ela se desgasta na tentativa de realizar essa missão impossível em salas de aula superlotadas. Persuadida por supostos detentores do saber de que a técnica é que faz o bom docente, ela procura com nostalgia, no baú de experiências guardadas, algum método de alfabetização que ficou na memória como produtor de resultado menos desastroso: *“A partir de que apareceu a Emília Ferreiro, esse pessoal não foi mais alfabetizado como era antigamente. Porque você tem vergonha de dizer para o seu colega que você vai silabar, que você vai dar ‘ba, be, bi, bo, bu’ [...]. Vai entrar o ‘la, le, li, lo, lu’? Então é ‘balão’. E ir silabando com eles. E os cursos que você faz daqui pra frente, nenhum deixa você silabar. Isso é do passado, isso não existe mais, mas ele é forte. Ele é forte. Aquelas palavras-chave que a gente tinha – bebê, sabe? – era importante aquilo”*.

Mas para qualquer lado que se vire, ela esbarra nos limites estreitos que a cegueira tecnicista lhe impõe: de nada adianta responsabilizar os alunos pelas dificuldades de escolarização; de nada vale mudar a cartilha ou contrariar as determinações superiores e tentar outras fórmulas de ensino de leitura e escrita igualmente mecânicas, uma vez que as próprias condições de trabalho inviabilizam o ensino.

O que mais impressiona é que, mesmo assim, ela não abre mão do desejo de formas mais eficientes de realizar o trabalho docente. O encontro com a entrevistadora psicóloga faz renascer sua esperança de parceria na construção do sucesso profissional. A impossibilidade, que também lhe foi imposta, de entender que a improdutividade da escola pública não é um revés, mas um programa político numa sociedade profundamente atingida pela lógica perversa deste momento do capitalismo internacional, só lhe deixa uma saída: pedir ajuda a especialistas na procura de técnicas que revertam o caos de uma escola em que professores e alunos – ensino e aprendizagem de conteúdos escolares – foram relegados à condição de objetos sem interesse para o capital. A este respeito, ela diz: *“Então precisava ter também assistente social, psicóloga, dentista, sabe? A escola precisa de tudo isso [...]. Eu acho que uma psicóloga é importante demais aqui dentro, mas uma assistente social para o lado de fora também é necessário”*.

É grande a probabilidade de que os especialistas cheguem às escolas apenas para bater na mesma tecla do tecnicismo e da responsabilização de usuários e professores pelos males da escola, na verdade de natureza econômica, social e política. Se for assim, Wanda terá como companhia um espelho e não será ouvida, restando-lhe continuar a reunir forças para voltar diariamente à escola em que trabalha, até o momento da melancólica aposentadoria. Dominada por uma política educacional que, segundo Alfredo Bosi, dá precedência às coisas, em detrimento das pessoas, ela deixará a profissão presa a um discurso feito de palavras e conceitos mortos, sem nunca ter podido refletir sobre a política educacional brasileira a partir de um saber que se nutra do vivido pelos seus próprios destinatários.

Entrevista com uma professora da rede pública de ensino fundamental

*“Não pode deixar a gente abandonada assim”.
– Que assuntos da escola você sente necessidade de conversar com um psicólogo?*

Wanda – Eu acho que os tempos agora estão necessitando mais de psicologia, sabe? Porque eu vejo que as pessoas estão cada vez mais complicadas. As crianças, os meus adultos, eles estão cada vez com mais problemas. É falta de emprego, fica desesperado, não sabe se volta pro interior, se fica aqui em São Paulo mesmo. Não tem dinheiro, às vezes não tem dinheiro ... Por exemplo, olha só: tem a festinha junina hoje. Uma aluna disse que não vinha porque não tinha dinheiro pra trazer nada: “Traz um prato de doce, um prato de salgado ou um refrigerante”. Daí ela falou: “Não, professora, refrigerante também é caro”. Eu falei: “Compra aquele de um real”. “Eu vou ver. Eu vou ver”. Então eu quero ver o que ela vai fazer. Porque, na minha ideia, eu já tinha que tirar um real, dois, da bolsa e estar dando pra ela, sabe? Eu tenho pena, eu quero tentar resolver também os problemas dos outros. Mas eu não consigo resolver problema de todo mundo. Então eu acho que aí precisava mesmo ter psicologia, estar uma psicóloga em todos os períodos, no noturno. Porque de vez em quando, um aluno pode estar saindo da sala, ir conversar, sabe? Bater um papo. E até nós mesmos. Porque está cada vez mais complicada a situação de vida mesmo, fora da escola, e que traz os problemas pra dentro da escola. E tem muita influência. Então eu acho que precisa sim (...). Uma das coisas que a psicóloga ou

uma auxiliar de psicóloga podia estar junto do professor é a indisciplina. Às vezes, aluno rebelde, que quer aparecer. Ele tem aquela vontade de aparecer e acaba transtornando os outros, principalmente à noite, onde tem adultos com jovens. Os jovens sempre querem se sobressair, chamar mais atenção, fazer gracinha (...). E esses casos: Por que não aprende? É um problemão (...). Então: indisciplina, falta de aprendizagem, que eu acho que psicólogo... e problemas que eles trazem de casa também, sabe? Tem drogas, que você percebe (...). Então, é essas coisas que dentro da escola não está certo. E existe. Então, sozinha não dá pra resolver. E eu quero mesmo, se eu puder – se eu puder, não – se Deus quiser (...) vamos ter psicólogas e assistente social pra poder ir na casa deles, ver como é que ele vive, se ele passa fome, qual é o problema (...). Então, problemas que eles trazem da casa deles também, de doença. Eles são gente, eles têm corpo, eles sofrem também, eles têm doença (...). E é isso, viu, Aline? Principalmente indisciplina e falta de aprendizagem, é o que mais pega (...). Às vezes a criança não aprende e a gente não consegue saber por que, a não ser que seja visão ou audição. Aí você consegue saber, porque você fala pra ela, ela não entende, você pergunta, não entende. Ou então você percebe que ela está fazendo força pra enxergar. Isso a gente ainda consegue questionar mais, a diretora, tudo. Mas os outros não. Às vezes têm problemas emocionais. Que traz lá, que o pai bebeu a noite inteira, chegou, brigou com a mãe, e a criança fica dormindo na classe e você não sabe por quê.

Mas dentro de uma sala de aula tem coisas incríveis. E dentro de uma escola então, você imagine! Até professor. Você pega professor que você precisa bater papo. Sério. Porque tem professor que tem atitudes que não dá para entender. Já peguei muita coisa que não dá pra entender (...). Mas você acaba ficando quieta porque é seu colega, então você cala a tua boca, né? Mas que você vê que a atitude foi totalmente errada, dá para perceber. Expor criança ao ridículo, na frente dos outros. Eu, por exemplo, jamais. Eu vi muito isso aqui. Principalmente naquela época, logo que eu cheguei aqui, que eu fui para o período da manhã. Tipo assim: “Vai chamar aquela professora lá, vai chamar a professora da terceira série”. Então eu entrava na sala da primeira série: “Olha! Olha esse menino como é que está, Wanda! Dá uma espiada! Vê! Parece um porco!” Entendeu? “Veio do recreio desse jeito!”. E o moleque lá, assim, em cima da cadeira. Aquela vergonha, e todo mundo dando risada, e ainda chama um professor de fora pra ver. E eu sempre quebrando o barato delas. Elas não gostavam, né? Porque daí eu chegava assim: “Ah, coitadinho, vai ver que ele escorregou...”. Entendeu? Já entrava de papo em cima. E não era o que elas queriam. Elas queriam apoio, para ele não fazer mais aquilo. Aqui,

nossa! Aqui tinha um grupinho... Então, depois de todos os problemas da rua, familiares, todas as coisas, na escola você ainda pega uma professora que não tem experiência. Na primeira série. A primeira série é básica – a primeira e a segunda. Se você fizer uma primeira e segunda séries muito bem feitas, você já sai alfabetizado. Depois você só vai complementando – primeira e segunda é tudo. Então primeira e segunda deveria ter os melhores professores. Aquelas que não faltam e que a diretora sabe quem são. Quem tem experiência, sabe? Não deixar na mão de qualquer uma. Deixar escolher. Elas não escolhem. Elas escolhem a terceira, a quarta série... Porque antigamente era assim: você escolhia o seu período, mas a sala era atribuída. O que eu acho que está faltando muito agora, sabe? (...). Antes você escolhia o período que você queria. O diretor te atribuía a sala. Ele sabia que você não era faltosa, que você já tinha dado aula pra primeira série várias vezes. Então as primeiras séries eram assim, a flor mesmo da escola (...). E ia melhor, eles aprendiam mais. Olha agora como é que eles estão chegando no colegial, na faculdade... E há uns anos atrás – há uns anos que eu digo, dez, quinze anos atrás – era assim, era atribuição. Era bem melhor. Porque não pense que a diretora não sabe tudo sobre cada um dos professores. Sabe tudo. Quem falta, quem grita, sabe tudo. Então a atribuição deveria continuar assim. Apesar de que a gente às vezes acabava pegando classe que não gostaria de pegar. Mas como você foi escolhida, você sabe que... eles sabem que você tem tudo para aquela sala. Você é uma professora que não falta, você tem paciência com alunos menores. Começava a primeira série saindo todo mundo alfabetizado. Agora não. Agora professor substituto é que pega primeira série.

– E por que você acha que isso acontece?

Wanda – Aconteceu que mudou o governo e parece que o governo gosta que as pessoas não sejam muito alfabetizadas. A impressão que dá é esta. Porque vem métodos diferentes que a gente tem que aplicar, a gente não sabe direito, a gente é quase cobaia com isto, como a gente foi com aquela tal da Emília Ferreiro, que ela fazia com cinco, seis alunos na classe, no máximo doze e a gente com 40 tinha que estar fazendo como ela fazia. A partir de que apareceu Emília Ferreiro esse pessoal não foi mais alfabetizado como era antigamente, porque você tem vergonha de dizer pro seu colega que você vai silabar. Eu lembro muito bem que, no meu tempo, eu mesma, no ginásio tinha “Gramática do Segala”. Eu sabia a gramática inteira. Eu sabia ler. Eu adoro ler. Se chegar numa reunião e falar assim: “Quem gostaria de ler?”, “Eu leio”. Não tem problema. Vê se algum aluno gosta... Está certo, a vida mudou, minha mãe ficava na minha casa, me dava todo apoio, só meu pai que trabalhava. Agora, não. Eles têm a mãe e

o pai trabalhando, eles são abandonados. Eles ficam sozinhos, a maioria deles, não tem aquele auxílio em casa mesmo. Perdeu-se isso. Mas aquela parte da silabação, eu ainda acho que faz falta e eu tenho vergonha de falar pra alguém que às vezes eu faço uma silabação na sala. E faço mesmo. Só que eu fico quieta, não falo, porque é vergonha falar, não existe mais isso. Você pega uma palavra... se entrar uma borboleta aqui dentro, hoje, agora, uma mariposa, à noite vai entrar uma mariposa, então eles vão ficar ouriçados com a mariposa, vamos pôr mariposa na lousa, vamos estudar a palavra mariposa. Então falha muito, porque vai o “ma”, já tem o “ri” que é mais difícil, certo? Então eu acho que a culpa maior é dos que vêm de cima mesmo, dos órgãos acima da gente que vêm implantando coisas fora de hora, sem embasamento nenhum, como começou com a Emília Ferreiro, sabe? A gente tinha 40 alunos na classe, eles queriam que a gente aplicasse, sendo que eu fui numa das primeiras reuniões, nem eles sabiam o que falar pra gente, como fazer (...) no auditório, todo mundo sentado em poltrona, não sei o quê, como se fosse a novidade! Tudo novo! Eu lembro, fui lá, não entendi nada! Porque eles também não sabiam explicar nada e a gente caiu nisso de cobaia. Agora vem esse silábico, pré-silábico, silábico-sonoro, pré-silábico, alfabético, sei lá. Eu sei fazer isso de tanto curso, mas não adianta, porque eles querem que você trabalhe em grupo de dois alunos, por exemplo. Você põe dois alunos juntos pra estarem fazendo a mesma atividade. Só que a classe fica dividida. Você não consegue sozinha ver todas as duplas na mesma aula. Então você tem que ver o quê? Duas duplas hoje, duas duplas amanhã, com outro trabalho diferente, pra estar sabendo se é silábico, se não é silábico, nunca colocar um pré-silábico com um mais fraco que ele, sempre com um alfabético ou com um já silábico, pra um estar podendo ajudar o outro. É complicado. Primeira série, então, olha, vou te falar! E é isso, usar a letra ... Antigamente, eu lembro muito bem, eu só usava a letra cursiva, meu caderno tinha letra cursiva. Agora: “Ah! Bastão é mais fácil”. Conclusão: tem aluno que só faz letra bastão, só lê letra bastão. E antes não. Essa é letra de jornal. Você tem que aprender a fazer da sua mão. E a gente tinha toda aquela coordenação de fazer [...]. Antes a gente tinha lateralidade, coordenação motora, uma série de atividades que a gente fazia, sabe? Inclusive professor de educação física ajudava a fazer com eles, ou falava pra gente fazer com bexiga, movimentação, direita, esquerda. Isso tudo acabou, esse período preparatório acabou. Você já entra de sola. Isso pra mim não está dando certo e tem que ser mudado. Outra coisa: por que passa da primeira pra segunda série direto, se não tem condições? Pra incentivar – primeira e segunda, continuação. Tudo bem. Mas você veja o meu caso: da primeira foram pra segunda, só que eles pegaram uma segunda e terceira juntos, com uma

professora só. Então, vem de cima, sabe? Não é questão do professor. Tem muito professor que é folgado e tem muito que gosta de ensinar, que gosta de fazer, que gosta de ver o aproveitamento em classe, se dedica. Mas o aluno, coitado, tem dificuldade... Chega na oitava série, está analfabeto ainda, só sabe ler, não sabe fazer um parágrafo. Você vai lá na minha sala, você vai ver o sacrifício que eu faço pra eles aprenderem um parágrafo. Não sei se é porque é noturno também, eles têm tanto problema, eles esquecem. Eu sei que a gente que é das séries iniciais fica preocupada, porque chega num período, na oitava, e é analfabeto? Não é analfabeto, pelo menos aquele que passou comigo não é analfabeto. O que vem de fora, a gente não sabe, esses aí a gente não sabe. Eu acho que vem de cima e que tinha que ser tudo mudado mesmo, tinha que ser replanejado, mas planejamentos mais bem feitos.

– A coordenadora estava me contando das crianças com deficiência que já passaram por aqui, que foram carregadas pela professora, porque não tem rampa e a criança usa cadeira de rodas...

Wanda – Eu já fiz isso na outra escola! Carregava a menina no colo. Você não sabe como é pesado aquele aparelho mais a menina! Mas eu era jovem, entendeu? Então, quando eu esquecia de pedir pra ela descer antes para o recreio, aí eu tinha que ajudar, às vezes eu pegava a menina e levava, outro levava as duas muletinhas. Mas o aparelho é pesado, a menina é pesada, era um horror! E daí ela tem que subir depois que todo mundo subiu. Porque não tem mesmo por onde, tem a escada e ela tinha as duas perninhas com aparelho. Já fiz isso sim. Já fiz de tudo. Já fiz de tudo. Mas, não que eu tenha sido... Eu não fui formada pra ter alunos com deficiência mental, que agora tem a inclusão, você sabe disso. Eu não fui formada pra isso. Fui formada pra lidar com crianças normais. Agora tem esse problema aí, mas como eu estou com adultos, já não está me atingindo tanto, porque os que eu tenho são problemas de não poder escrever porque tem o braço duro, porque levou um tiro na cabeça, porque não anda direito... Mas não aqueles problemas de Down que tem na escola e que a professora precisa lidar com todos e mais aquele. Eu tenho certeza que ela não foi formada pra isso. Então, de onde vem isso? De cima. Eu não sei. É muita preocupação. É muita preocupação.

– Hoje em dia aumentaram as atribuições do professor. Então, agora tem que fazer a função do dentista, tem que fazer a função do psicólogo, pai, mãe...

Wanda – Principalmente os que dão aula pra criança, né? Principalmente.

Meu caso já é diferente. Meu caso é mais problema de droga, problema de chamar o aluno lá fora e falar assim: “Meu, você tomou muito

‘guaraná’ hoje, você não faz mais isso. Eu passo na sua carteira e eu sinto o cheiro. Você está lento, você está com os olhos vermelhos. Não faz isso. Chega de tanto ‘guaraná’”. Não é, é pinga, né? Porque o cheiro... Então...

– *E você acha que essas atribuições aumentaram por quê?*

Wanda – Vida! Vai saber os problemas que ele tem! Por que ele precisa beber e chegar até a escola? Porque eu tenho aluno que dorme enquanto eu estou contando piada, estou brincando com os outros. Tem gente rindo, falando e tem aluno cochilando na classe. Que eu não acordo também. Eu deixo dormir. Porque ele está com aquela necessidade naquele momento, eu deixo. Depois ele dá uma despertada, aí a gente conversa, eu falo: “Oh! Puxou um soninho, hein?”. Sabe? Porque são adultos, é diferente. Então um curso pra adultos, eu acho que seria muito bom também professor pra adultos, porque tem muito adulto que precisa ser alfabetizado e terminar de estudar e professor também não foi preparado pra dar aula pra adultos, só pra criança normal.

– *É, a gente está se deparando com uma situação bastante difícil no serviço público...*

Wanda – Mas existem assistentes sociais na prefeitura... Elas têm que se adaptar... De vez em quando, por exemplo, vindo mesmo numa sala de aula e ajudar um pouco. Se a mãe não pode levar no médico, levar o moleque, sei lá. É assistente social, né? Então precisava ter também assistente social, psicóloga, dentista, sabe? (...). Mas tinha. Por que tiraram? A escola precisa de tudo isso. A criança passa muito tempo, o adulto também, passa muito tempo aqui, sabe? E pelo que estão falando vai passar mais. Vai ser período mais integral, uma coisa assim. Então precisa melhorar. O que adianta fazer o CEU¹? Uma escola na região, maravilhosa, que tem de tudo, diz que tem tudo, não sei, mas quem dá aula lá não quer ficar, acaba voltando. Não sei bem como é que é. Já visitei. Achei lindo, maravilhoso, mas... Não sei, parece que não funciona muito bem. Funciona bem é a piscina aquecida, sabe? Essa parte funciona bem. Em final de semana...

– *É só ligar o botão, né?*

Wanda – É, entendeu?

– *Mais fácil, né?*

¹ Centro Educacional Unificado. Constitui-se como espaço escolar agregando centros esportivos e culturais. O projeto da Prefeitura de São Paulo para construção dos Centros Educacionais Unificados iniciou-se em 2001.

Wanda – Então... por menor que seja a escola, um dentista, um psicólogo, um assistente social, pô! Não pode deixar a gente abandonada assim. A gente tem que ser tudo. Tem que ser tudo. Eu vejo elas reclamando no período da tarde, elas reclamando: “Pôxa, a gente tem que fazer teste de acuidade visual! Com 40 alunos na sala!”. Foi muito complicado, sabe? Depois teve gente que teve que fazer o reteste, porque não deu certo. Elas ficaram loucas. Elas chegam na sala de professores exaustas. Nervosas, cansadas, você percebe. Eu que estou chegando, que vou fazer JEI² com elas, para dar aula depois. A aflição delas. Antigamente, a gente não fazia. Uma pessoa subia, chamava alguns alunos, descia, fazia, mandava eles de volta. Levava outros alunos, fazia. E isso era sala por sala. Não tirava a professora da sala. A gente continuava dando uma atividade, dava pra eles, eles desciam, faziam, voltavam. Já teve época que a gente descia com aluno para escovar dente de aluno, pra dar remédio, vermífugo, flúor... Agora eles não estão mandando mais, mas eu peguei muito isso, anos atrás. Então fazia bochecho, todo mundo punha colherada de flúor na boca. Ficava bochechando. Aí eu contando no relógio, a hora certa. Depois passava o balde, todo mundo ia cuspidando lá dentro. Tinha uns que vomitavam, porque tinha nojo, sabe? É muita coisa que não é função do professor, seria do dentista passar flúor nas crianças. Ir chamando, uma sala por dia, passar o flúor, não é? E assim vai.

– Eu não sei como funciona. O que faz com que uma escola tenha, outra não tenha, se todas são da prefeitura?

Wanda – Não sei. Não sei dizer. Não sei, não descobri isso. Tinha dentista. Aqui sempre teve a sala do dentista. Quando eu comecei, tinha uma dentista. Essa sala foi fechada, acabaram com tudo aí, não sei, sumiu a sala da dentista. Porque aqui você tem muita dor de dente. Então qualquer problema já ia pro dentista. Sumiu. E lá no outro não. Lá funcionava tudo. Eu não sei se é por conta da Delegacia de Ensino que mudou. A minha delegacia agora é uma. Lá era outra. Aquela delegacia, acho que favorecia mais as escolas. Por ela ser mais carente, eles davam prioridade para aquela escola. Alunos super carentes. Um lugar super perigoso, onde o helicóptero da polícia passava, com o guarda pra fora assim, no pátio. Sabe? Procurando. Tinha um morro que a gente subia pra chegar lá, que chamava, como diziam, o Morro do Piolho. Porque a criançada subia da favela, para estar indo pra escola. Não havia uma vez que, quando chegava de manhã, não tinha polícia, já não tinha... e já naquele mato tinha corpos. Eles falavam

² Jornada Especial Integral, que prevê um número de horas de trabalho docente, individual e grupal, fora da sala de aula.

presunto, que tinha presunto, sabe? E era super perigoso. Eu deixava o carro na rua. Tinha uma igreja de crente bem do lado, então eu fiz amizade com a dona da igreja lá, que tomava conta da igreja. Ela deixava eu guardar o carro dentro da igreja. Eu acho que também pode ser por isso. Pelo local ser mais perigoso, mais carente. Mas as crianças eram bem mais amigas. Bem mais amigas. Naquele frio danado, traziam a sandália de dedo, você pegava e enrolava jornal no pé. Deixavam, sabe? Não é como aqui. Aqui não tem condição dessas coisas, de ajuda desse tipo. É capaz da mãe chegar e falar: “Imagina, está pensando que meu filho é isso, meu filho é aquilo?”. Vem brigar, vem discutir. E lá, não. Lá você tinha apoio. Apoio de mãe, apoio de tudo, da direção até mesmo da prefeitura que mandava tanta coisa para aquela escola. Tinha tudo. Tinha música, tinha artes. Eles adoravam a aula de artes. O professor ficava junto. Não saía da sala, não. Ficava junto, ajudando. Então, chegava na aula de música, cantava, sempre aprendia uma música. Deixa a pessoa mais feliz cantar. E fazia aqueles trabalhos assim, com papelzinho amassado, juntava, formava lá uma centopeia. Sabe? Aquilo era muito bom. Tive uma classe muito problemática. Fui escolhida pra ficar com essa sala. Só de alunos que não evoluíam de jeito nenhum. Que eu comecei a ensinar com: “A pata nada”. Tudo com A. “A pata nada”: A, A, A, A. Depois passava pro O, O, O, O... sabe? E deu certo. Mas a coordenadora ficava muito comigo, me orientando muito. E isso foi em outra escola. Eles juntaram aqueles alunos que não liam de jeito nenhum, fecharam duas salas, parece, e juntaram aqueles... Eu não lembro direito, eles eram da manhã, eles vieram pra tarde, eu não lembro muito bem como é que é a história. Mas eles ficaram. Eram meus alunos. E foram alfabetizados novamente. Não tinha psicóloga. Foi com a coordenadora. E deu resultado, viu?

– *São muitas informações, muitas histórias importantes...*

Wanda – E não vai ser fácil pra você, porque eu já te falei tanta coisa, tanta coisa que eu até me perco... na cabeça fica... sabe? (...). É como eu te digo: eu não tenho muito tempo ainda de prefeitura não. Mas enquanto eu não formar a minha filha, eu não posso sair porque eu vou perder quinhentos a seiscentos reais me aposentando. Eu não posso perder esse dinheiro, eu não vou poder me aposentar (...). Eu vou ter quanto? Um ano e meio pra me aposentar? Com certeza eu vou ficar mais uns cinco, com certeza. Porque você vê, eu tirei minha filha agora da faculdade, pra pôr ela pra trabalhar! Você vê qual é a minha situação. Você pensa que eu me sinto feliz?

– *Com certeza, não.*

Wanda – Não. E outra coisa que eu me sinto muito infeliz também: eu já sou 21E³. Eu não tenho mais pra onde ir, eu não tenho mais pra que subir, eu não sinto vontade de fazer cursos, porque eu não preciso de pontuação mais nenhuma! Porque aquela vontade de fazer cursos pra você ser pontuada “Ah! Vou ficar com a letra B! Ai, passei pra 19, 19B!”, entendeu? Eu já não tenho mais nada disso. Então, como eu fiz muito curso, como eu sempre fui muito esforçada, eu já estou no 21E bem antes de me aposentar. Eu não tenho mais pra onde correr. Eu falo às vezes pra quem eu encontro: “Pô! Me chama pro NAE⁴, me manda pro NAE”, porque no NAE você vai ganhar um pouco mais, você vai trabalhar oito horas [...]. Eu preciso de incentivo de dinheiro, eu preciso, porque eu sou sozinha! [...] Mas graças a Deus eu estou enfrentando. Devendo todo mês para o banco, mas enfrentando.

– *Tomara que uma hora passe...*

Wanda – Se Deus quiser, porque tem muitos atrasados, sem esperança de que venham. Muitos. E não tenho como subir. Aparece curso, eu penso assim: “Eu só vou gastar gasolina”. Eu vou deixar de ficar com a minha mãe depressiva lá em casa. Eu até gosto de sair, adoro fazer trabalhos manuais, por exemplo, é o que eu amo de paixão. É uma coisa que me faz bem. Mas eu não vou fazer. Aparecem coisas assim, mas eu não vou, porque eu só vou gastar. E os cursos da escola são a mesma coisa. Daqui pra frente, se eu for, eu só vou gastar. Eu não vou. E eu fiz o melhor curso que teve até agora, que faz quase dois anos, que foi o tal do PRO-FA⁵, que parece que voltou. Ouvi dizer que tem gente que está indo fazer à noite, não sei, vai saber. Se fosse agora, eu dou aula à noite, eu não faria. Eu fiz com o meu carro, com a minha gasolina, indo lá no NAE, por força de vontade. E esses pontos, eu nem imaginava, já nem valeram mais. Mudei pro 21. E sem eles. Mas eu fiz por vontade. Agora eu estou sem essa vontade. Eu não sei o que aconteceu. Eu estou com o incentivo baixo.

– *Muitas coisas, não?*

Wanda – E eu ando desanimada. Se bem que o que me distrai mesmo são os meus alunos atualmente. Porque minha vida em casa está difícil. Então, é aqui na escola é que eu estou tentando...

– *Então tem que continuar aqui na escola....*

Wanda – Mas é o que eu te falei, eu não vou me aposentar. Hoje se aposentou a Aninha, a professora de português. Ela já não vem mais hoje.

³ Último nível da carreira docente na Prefeitura do Município de São Paulo, na época da entrevista.

⁴ Núcleo de Ação Educativa da Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

⁵ Curso de formação de alfabetizadores oferecido a professores da rede municipal de ensino de São Paulo.

Mas o que ela tem? Ela fala inglês, ela dá aula particular pra estrangeiros aprender português e ela ganha uma grana. E ela é rica, é casada com marido rico, vem de família rica, mora no Morumbi e tal. Então, ela não vai sofrer, como eu vi muitas que ficaram em depressão porque se aposentaram (...). Ela podia estar contribuindo ainda muito tempo aqui na escola. Então, ela não precisa, ela quer a aposentadoria dela. Não vai ser o meu caso. Eu não tenho mais como subir e isso me desanima. Porque eu sei que eu vou precisar do dinheiro, vou ficar aqui, não vou pedir aposentadoria... ou, pelo menos, esperar mais um quinquênio. Juntar quinquênios, de cinco em cinco anos, pra poder ganhar um pouquinho mais. Ela já não precisa. Ela vai perder seiscentos ou setecentos reais. Ela não tem necessidade disso. Ela tem maridão, mora numa baita casa. Ela tinha um irmão, o irmão faleceu e toda a herança da família é dela. É gente portuguesa, de dinheiro. Ela não tem... É uma pessoa feliz. Os problemas são os filhos adultos. Ela tem problemas, lógico, como todo mundo tem. Mas é diferente. Encara com mais facilidade.

Entrevistadora: Aline Frollini Lunardelli